O ESPAÇO E O HOMEM AMAZÔNICO NO ROMANCE TRÊS CASAS E UM RIO, DE DALCÍDIO JURANDIR.[1]

Iara Ferreira Prestes[2]
Raquel Aparecida Dal Cortivo[3]

Resumo: O presente trabalho parte de uma perspectiva da *Topoanálise* na qual tentaremos propor uma análise da relação que o espaço apresenta com as personagens analisadas, tendo em vista, como ele contribui para a formação e representação dos mesmos. Buscando observar como se dá a relação dos personagens com o seu lugar de origem, e a partir dessas relações, ser capaz de perceber a ambivalência de sentimentos, principalmente em Alfredo, no qual o espaço provoca sua influência máxima. Objetivando-se especificamente, identificar como são contextualizadas as relações do homem com o espaço amazônico na obra *Três casas e um rio* (1958), de Dalcídio Jurandir. Baseado nisso, o presente trabalho torna-se relevante para a compreensão da importância que o espaço é capaz de manifestar em uma obra literária, chamando assim a atenção daqueles que se fazem interessados pelo assunto. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e bibliográfico. Para embasamento pautou-se em: Assmar (2003); Bachelard (1978); Borges Filho (2007); Furtado (2002); Lins (1976), entre outros autores relevantes para a análise.

Palavras-chave: Topoanálise. Dalcídio Jurandir. Espaço. Personagem.

Abstract: In present work had as perspective the Topoanalise in which propose an analysis of the relation between space the analyzed characters, then, as it contributes to the formation and representation of the same ones. observed how the relation of the characters with their place of origin occurs, and from these relations, to be able to perceive the ambivalence of feelings, mainly in Alfredo, in which the space provokes its maximum influence. Aiming specifically, to identify how are contextualized the relations of the man with the amazonian space in the work Três casas e um rio (1958), by Dalcídio Jurandir. Based on this, the present work becomes relevant to understand of the importance that space is capable of manifesting in a literary work, drawing the attention of those who become interested in the subject. The methodology used is qualitative and bibliographic. For basing it was based on: Assmar (2003); Bachelard (1978); Borges Filho (2007); Furtado (2002); Lins (1976), among other authors relevant to the analysis.

Keywords: Topoanalise. Dalcídio Jurandir. Space. Character.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas.
[2] Autora do artigo. Discente finalista do curso de Letras – Línguas Portuguesa e Inglesa do IEAA-UFAM.
[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de curso, professora do IEAA-UFAM.

INTRODUÇÃO

O escritor paraense Dalcídio Jurandir é considerado pela crítica literária como um talentoso escritor regionalista que fez parte do grupo nortista e logo depois do grupo moderno e pós-moderno da Literatura Brasileira. Escritor comprometido com causas sociais, em sua escrita de cunho denunciativo, busca retratar a realidade do homem amazônico nos vilarejos paraenses, discorrendo sobre temas regionais que focalizam a vida deste homem.

Por meio de personagens fictícios, o autor constrói a representação social do ser humano e seus dilemas, no caso da obra analisada, principalmente o dilema da relação que estes personagens têm com o espaço que o cerca. A obra *Três casas e um rio* (1958)[4], aqui tomada com objeto de estudo, foi o terceiro romance publicado por Dalcídio Jurandir ao longo de sua produtiva carreira.

A partir da ligação estreita entre o homem amazônico e o seu espaço de origem aparecem as relações de ambivalência com o meio que o cerca. Tendo essa hipótese como ponto inicial, buscou-se perceber ao longo da análise a relação estabelecida entre personagem e o espaço, como este apresenta grande influência e contribui para moldar o caráter e ações desses personagens.

Por se tratar de um romance que se contextualiza na região amazônica, fazer uma análise deste texto torna-se relevante para que se possa compreender as relações do homem amazônico com seu espaço de origem. Para tanto, a presente pesquisa tem como objetivo principal compreender como se dá a construção e representação do espaço e seu impacto sobre o homem amazônico no romance *Três casas e um rio*.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico-analítico, direcionada para o campo do estudo literário, com ênfase na construção da personagem a partir da sua relação com o espaço. Para subsidiar uma discussão que abarque nossa proposta analítica aqui apresentada, tomaremos como suporte teórico autores/críticos como: ASSMAR (2003), BACHELARD (1978); BORGES FILHO (2007); FURTADO (2002); LINS (1976) NUNES (2006), entre outros, que nos possibilitarão uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão aqui proposta.

---

[4] Nesta pesquisa utilizaremos a 2 Edição, publicada em 1979

1. A PRESENÇA DA TOPOANÁLISE NO ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E LITERATURA

Antes de iniciar uma análise sobre o espaço dentro da Literatura, se faz necessário uma localização desse terno na história para uma melhor compreensão acerca do tema. Inicialmente, apareceu no âmbito geográfico para denominar principalmente a "terra", a superfície terrestre habitada e modificada pelo homem.

A partir do interesse em se fazer uma melhor análise do espaço dentro da Literatura surge a *Topoanálise,* termo criado pelo pensador Gastou Bachelard em seu texto sobre *A Poética do Espaço*, o autor constrói uma nova visão sobre a disposição do espaço dentro da Literatura, enfatizando que este vai além do simples espaço físico, como proposto pela geografia. A Topoanálise descrita por Bacherlad vai muito além de descrever o que pode ser visto, esta busca conhecer a profundidade dos sentimentos das personagens em relação ao espaço que o cerca. O pensador supracitado denomina a Topoanálise como sendo:

> [...] o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso. (BACHELAD, 1978, p. 202)

Para este autor a Topoanálise serviria como um auxílio para a psicanálise, buscando no íntimo as significações atribuídas pelo personagem ao espaço que o rodeia.

Autor que também se destaca ao usar o termo de Topoanálise dentro de seus estudos literários é Ozirís Borges Filho que em sua tese de doutorado intitulada *Espaço e Literatura: Introdução à Topoanálise*, que mais tarde tornou-se livro com o mesmo título, busca fazer uma releitura do significado já disposto por Bachelard. Borges Filho, diz que:

> Por Topoanálise, entendemos mais do que o "estudo psicológico", pois abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, interferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço da obra literária. (BORGES, FILHO, 2007, p. 33)

Como já citado, Borges Filho faz uma releitura do significado de Topoanálise proposto por Bachelard no qual afirma que ela vai além do "estudo psicológico", este enfatiza que a Topoanálise sofria interferências de outros campos que já se utilizavam do espaço como objeto de estudo. Ainda sobre a concepção da importância da Topoanálise dentro das investigações sobre o espaço e a personagem, Luana Noleto ressalta que:

> A Topoanálise como teoria para a análise textual aborda os aspectos mais amplos da personagem relacionando-os com o espaço que ela ocupa e estabelecendo, dessa forma, uma relação intrínseca entre eles. Este estudo engloba desde as disposições físicas e geográficas do espaço até noções psicológicas e de grau sensitivo daqueles que ocupam determinado espaço. (NOLETO, 2017, p. 15)

Para a autora, a Topoanálise englobaria os diversos aspectos que a personagem apresenta dentro da obra e relacionaria estes com o espaço ocupado por ela gerando assim "uma relação intrínseca" entre eles.

Em seu livro sobre o espaço e a literatura, Borges Filho traz para suas análises algumas funções que o espaço pode assumir ao longo de uma obra da literária. Nas palavras do pesquisador, "A criação do espaço dentro do texto literário serve a variados propósitos e seria tarefa ingrata e fracassada separar e classificar todos eles. Entretanto, entre essas funções do espaço, poderíamos destacar algumas." (BORGES FILHO, 2008, p.1). Dentre as sete funções propostas pelo pesquisador, focaremos apenas em elucidar a função que se faz relevante para a análise proposta por esse trabalho que seria de "influenciar a personagem."

Visto que ao longo da leitura buscou-se sempre localizar no texto as partes nas quais as três personagens mostrassem a sua relação com o espaço, objetivou-se, assim, a percepção de como o espaço era capaz de influenciar e até que ponto essas influências determinavam suas ações.

Sobre essa função influenciadora, Luana Noleto ressalta que o espaço pode "ser influente nas ações da personagem e ainda sofrer com essas ações. [...] nesta o espaço torna-se um fator de ação que tem papel importante em suas decisões. (NOLETO, 2017, p. 16). É nessa questão da importância do espaço na construção das ações e relações das personagens com meio que o cerca que a presente análise se detém.

Dentre os estudos propostos pela Topoanálise a imagem da *casa* aparece como sendo de grande importância, pois este é o espaço que dentro de uma obra literária muitas vezes fica sendo o palco central do desenvolvimento das ações e sentimentos das personagens, assim como na obra analisada. Sobre essa importância da casa nos estudos topoanalíticos, Luana Noleto vem dizer que:

> Na casa, todo o enredado de reflexões que circunda os sentimentos das personagens, os limites físicos dos espaços, os fatores íntimos e os sentimentos das personagens são grandes elementos que compõem uma análise científica do espaço, em nosso contexto teórico, uma Topoanálise, pois todos os fatores que constituem um lar se formam na fusão de disposições psicológicas e espaciais. (NOLETO, 2017, p.15)

Logo, a casa é importante nesses estudos pois ela engloba o psicológico e também o espaço físico, fatores importantes para a construção de uma análise que tenha como foco a relação do espaço e da personagem.

1.1 O ESPAÇO COMO FONTE IMPORTANTE NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Falar do espaço ficcional como sendo de grande importância para a Literatura é algo que vem adquirido relevância ao longo do tempo. Pouco se tem de análises sobre o tema. Tendo a dificuldade de referencial, textos como o de Bachelard sobre a *Poética do Espaço* e Osman Lins sobre *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* são utilizados como fontes principais sobre o assunto.

Visto que ao longo da história da Literatura o espaço não despontou como sendo de grande importância, tido muitas vezes como dispensável de estudos e análises, não era tido como relevante e pouca ênfase se atribuía a ele, este funcionando apenas como pano de fundo para as ações dos personagens. Em vista disso, Lins ressalta que ao longo do tempo:

> Observa-se que em algumas narrativas o espaço é rarefeito e impreciso. Mesmo então - excetuada, evidentemente, a eventualidade de inépcia - , há desígnios precisos ligados ao problema espacial: intenta-se, por um lado, concentrar o interesse nas personagens ou nas motivações psicológicas que as enredam; pode ser também que se procure insinuar - mediante a rarefação e imprecisão do espaço – que essas mesmas personagens e as relações entre elas são mais ou menos gerais, eternas por assim dizer, carentes, portanto, de significado histórico ou sociológico: de significado circunstancial. Entretanto, inclusive neste caso, alcançam em geral vibração mais intensa aquelas obras onde o espaço atua com o seu peso. (LINS, 1976, p. 65)

Podemos notar que até mesmo nas obras em que o espaço não tem tanto destaque, mesmo que de forma contraída, ele ajuda para a visibilidade da obra pois este tem imenso peso na construção do texto, contribuindo, muitas vezes, para o efeito de verossimilhança ou de “realidade” a que algumas narrativas se propõem. O contrário também pode ocorrer, o espaço pode, por vezes, dar à obra o aspecto fantástico ou inverossímil que a inscreve no gênero do maravilhoso, do fantástico ou do mistério.

Com o tempo, o espaço começou a ganhar um certo valor dentro da Literatura, valor este que já era perceptível em outras áreas de conhecimentos como a geografia, matemática, física, sociologia, filosofia e psicologia, pois este apresenta-se como fonte importante de percepção e representação do meio que cerca os indivíduos.

Portanto, o espaço dentro de romances passa a ser muito mais que espaço físico ou apenas um estado de alma. Tendo esta afirmação em vista, Mantovani enfatiza em sua tese que:

> Roland Bourneuf e Réal Ouellet observam que, no romance moderno, abundam os exemplos da identificação natureza-personagem, numa perfeita integração em que a paisagem já não é somente um estado de alma, mas ilumina o inconsciente de quem a contempla ou imagina. E completam que importantes romances do século XIX revelam as personagens pelo meio ambiente, ao passo que é comum no romance contemporâneo, o espaço transfigurado em ambiente ser visto através dos olhos de uma personagem ou narrador. Observam ainda que, no romance contemporâneo o ódio e a revolta duma personagem parece ser consequências da opressão do "espaço" em seu entorno. (MANTOVANI, 2009, p.35)

Então, o espaço funciona como fonte importante na construção de uma obra literária, pois este é capaz de construir opressão ou libertação sobre a personagem, isso é percebido nas personagens que serão analisadas, o espaço atua sobre elas de forma significativa.

O espaço pode caracterizar e influenciar tanto um personagem ao ponto de esse ficar impregnado nele, sobre isso Mantovani destaca que [...] cada ser fictício carregada consigo estes locais. (MANTOVANI, 2009, p.36), ou seja, a personagem pode sair de um espaço para outro, mas em alguns casos, o espaço a acompanha onde quer que vá. Mantovani ainda vai além, dizendo que:

> [...]determinados espaços não apenas impactam certas narrativas como também caracterizam e delimitam as personagens em seu entorno. Desta forma, cada espaço propicia uma narrativa, um conflito e um determinado comportamento de seus ocupantes. (MANTOVANI, 2009, p. 38)

Com isso, o espaço pode ser entendido como algo de muita importância na construção das obras literárias, os autores se usam dele como fonte importante na composição de seus personagens, isto é bem perceptível ao longo da obra analisada.

Em uma das passagens do texto de Dalcídio Jurandir, o autor ressalta justamente essa interiorização do espaço pela personagem, "[...] e o coração se fechava em uns quantos sentimentos novos, na sensação de que o chalé ia dentro[...] (T.C.R.[5] 1979, p. 376). O personagem era tão ligado ao chalé que mesmo indo embora parecia que este estava impregnado em si, dando a sensação que ele o levaria para onde quer que fosse.

---

[5] Sigla usada ao longo da análise para citar trechos da obra *Três casas e um rio*.

Dentre os espaços que aparecem de forma expressiva na obra, o chalé, a casa da família, destaca-se como sendo o de maior relevância. Tanto que em grande parte do romance os personagens aparecem nesse lugar, é como se estes estivessem interligados, não que isso seja ruim, pois Bachelard diz que ela é nosso "canto do mundo":

> Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (BACHELARD, 1978, p.200)

Para o autor, a casa é o nosso primeiro universo, nela nos abrigamos do mal, ela nos envolve e nos protege. E que toda casa, sendo esta uma valiosa mansão ou apenas um casebre, vai transmitir aos seus habitantes profundas sensações relacionadas à beleza e com múltiplos significados.

Ao longo da análise perceberemos a ligação disposta entre os personagens e este espaço tão significativo. Notaremos ainda os sentimentos que estes nutrem em relação a casa e como este espaço provoca certas ações em seus habitantes, aparecendo, principalmente em Alfredo, ora como um refúgio que protege de todo o mal que o cerca, ora sendo uma prisão que o mantém refém.

1.3 AUTOR E OBRA

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira nasceu em Vila de Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, no dia 10 de janeiro de 1909, filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos. Aos 13 anos, parte para Belém do Pará, onde se matricula no Grupo Escolar "Barão do Rio Branco" e fica hospedado na casa de parentes. Em 1925, sem fazer preparatórios, devido à situação financeira, matricula-se no Ginásio "Paes de Carvalho", mas não concluiu o 2º ano. Com a ajuda de amigos, ele desenvolve diversas funções em Marajó, como Secretário Tesoureiro da Intendência Municipal, Inspetor Escolar, Secretário da Delegacia de Recenseamento. Em 1942, começa a exercer atividades jornalísticas. Em 1979, no dia 16 de junho, falece no Rio de Janeiro, aos 70 anos de idade.

Dalcídio publicou várias obras ao longo de sua carreira como romancista, dentro do que se convencionou a chamar de "Ciclo do Extremo Norte", o qual a obra analisada pertence. Dentre os romances publicados temos: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976), *Ribanceira* (1978), e também a obra *Linha do Parque* (1959), que Dalcídio escreveu dedicada ao Extremo Sul, devido as suas viagens para a região.

Pelo conjunto de suas obras, em 1972, recebeu o prêmio Machado de Assis conferido pela Academia Brasileira de Letras. Dalcídio, pela sua importância poética e como ser humano, conquistou muitos amigos ilustres ao longo de sua vida, entre eles Jorge Amado, Bruno Menezes, Ruy Barata, entre outros.

A obra *Três casas e um rio* foi o terceiro romance publicado no Ciclo do Extremo Norte, um gigantesco projeto literário levado a cabo por Dalcídio Jurandir. O romance é a sequência direta de sua primeira obra, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941).

Segundo Benedito Nunes (2006), Dalcídio é um "romancista da Amazônia" que tem em sua coletânea obras de cunho “duplamente biográfico”, com uma grafia da vida cultural do Norte, entre Belém e Ponta de Pedras, e também da vida sentimental e intelectual de quem a escreveu.

Nos dois romances (*Chove nos Campos de Cachoeira* e *Três casas e um rio*), o autor vem, justamente, tratar da vida dos povos marajoaras que residem na Vila de Cachoeira e muitos dos personagens fictícios têm uma relação com as lembranças e sentimento vivenciados pelo autor.

Dalcídio muitas vezes é estudado, segundo Soraia Farias (2006), como uma personalidade com facetas diferentes, existindo um Dalcídio jornalista, com inúmeras publicações na impressa, preocupado com o seu tempo, com as lutas políticas, com arte e a literatura; havia ainda o poeta, que optara por não publicar nenhum livro de poemas, apesar de ter “uma vasta produção” e a faceta mais conhecida: o romancista envolvido com o seu processo de criação, suas pesquisas e suas viagens. Mas, além da figura pública incomparável, existia um homem com muitas qualidades que se mostrava para a família e amigos, um homem ético, determinado, amoroso, embora, sendo, às vezes, tímido e reservado.

O próprio autor ressalta em uma carta enviada a seu irmão que *Três casas e um Rio* é uma obra que tem como base acontecimentos reais, porém escrita dentro de uma “completa deformação de romance”. Como o próprio autor acrescenta, sendo assim, nenhum dos personagens da obra é real no sentido biográfico. As palavras do próprio autor, contidas na carta inserida no livro *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*, de Benedito Nunes, publicado em (2006), revelam a consciência de que a ficção é mais plausível quanto mais inventada, tendo como base, porém, a realidade.

2. ANÁLISE DA OBRA

Contextualizada na localidade de Cachoeira, uma pequena vila do interior do extremo norte, no estado do Pará, local onde a natureza, como em tudo da região, está muito presente na vida dos personagens, o romance *Três casas e um rio* busca retratar a vida dos moradores desta vila, tendo como personagens principais o menino Alfredo, seu pai, o Major Alberto e a mãe, dona Amélia.

Nesse romance, algo muito retratado é o espaço amazônico no qual se passa a obra. Cada personagem se relaciona com ele de uma forma diferente. O autor descreve o espaço com riqueza de detalhes, fala das enchentes, plantas, animais, crenças e tudo que envolve o ambiente que cerca os personagens.

O pai de Alfredo, Major Alberto, é um homem estudado, trabalha como Secretário na vila e está sempre às voltas com seus livros e catálogos, cheio de funções na pequena vila; é um homem respeitado por todos, por ser estudado e branco. Trata-se de uma personagem que não tem muita relação com o ambiente cotidiano do lugar onde mora, estando apenas inserido no contexto sem relacionar-se diretamente com ele, pois não tem muito contato com meio natural, não realiza atividades comuns às pessoas moradoras nesse ambiente, como a prática da pesca, ou a caça. Por ser uma vila do interior, essas atividades são quase exclusivamente a única forma de subsistência, os moradores retiram das florestas e dos rios os alimentos responsáveis por sua sobrevivência. São pessoas que vivem de forma muito simples, sem nenhum luxo ou conforto, tanto em suas vestimentas quanto nas moradias.

A família de Alfredo é a que tem uma vida melhor estruturada morando em um pequeno chalé. Os demais moradores não têm uma descrição mais precisa de suas moradias dentro da obra, porém através do contexto pode-se perceber que suas moradias são bem humildes.

Major Alberto vive com Amélia, mulher simples sem estudo, negra, que aparece sempre na cozinha cuidando dos afazeres domésticos. Conhecedora da medicina natural, tem uma relação íntima com a natureza, e usa desses conhecimentos para ajudar aqueles que lhe pedem ajuda. Por ser “preta” não é aceita pelos moradores da vila, que não a veem como esposa do secretário, mas sim empregada da casa.

Alfredo, personagem sobre o qual grande parte da trama se desenvolve, é um garoto que sonha ir para Belém estudar, menino levado, com muitos conflitos internos e externos. Por exemplo, em determinados momentos, demonstra ter vergonha de sua mãe, por ser ela de cor preta, mas, ao mesmo tempo, se acha superior aos garotos da rua de baixo por ser branco e filho do secretário. O menino vive uma relação de amor e ódio

com o espaço que o cerca, ora amando tudo e imaginando inúmeras fantasias com o rio, o chalé, as árvores e os peixes, ora odiando, pois julga que isso o afasta de seu ideal que é ir para a cidade.

Ao longo da obra, o autor retrata inúmeros problemas ocorridos na pequena vila de Cachoeira, sendo estes de ordem social, política, econômica e étnica. No texto, percebe-se uma relativa diferença de classes sociais, famílias vivendo razoavelmente bem, e outras sem ter o necessário para sobreviver decentemente, crianças morando nas ruas enquanto seus representantes políticos passam muito tempo viajando pelo mundo.

Por se tratar de uma região interiorana, o autor descreve com riqueza de detalhes o natural, as matas, rio, frutas, flores e animais. Descreve ainda costumes, lendas, crenças e fé, algo que entrelaça as mais diferentes situações do ambiente. Aspectos estes que ao longo desse trabalho, em sua etapa final, abordaremos de forma mais profunda, mostrando as relações do homem amazônico com o espaço que o rodeia.

2.1 O ESPAÇO E O HOMEM AMAZÔNICO A PARTIR DE TRÊS PERSONAGENS

Para se analisar os personagens escolhidos, Alberto, d. Amélia e Alfredo, faz-se necessária uma maior compreensão sobre o contexto no qual o autor Dalcídio Jurandir encontrava-se quando escreveu a obra. Para isso, podemos localizar a sua obra dentro dos movimentos literários vigentes na época, para assim compreender os valores que acabam participando da construção dos seus personagens.

O Modernismo brasileiro, nas décadas iniciais, apresenta em suas fases dois projetos face à literatura, tendo predominado nos anos iniciais desse movimento literário o projeto estético, no qual era dada maior relevância à linguagem. A partir da revolução de 1930, o enfoque de discussões dos intelectuais passa a se projetar mais sobre as questões sociais do país, predomina o projeto ideológico. Como afirma Lafetá:

> Um exame comparativo, superficial que seja, da fase heroica e da que se segue a Revolução mostra-nos uma diferença básica entre as duas: enquanto a primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte). (LAFETÁ, 2000, p.28)

Este projeto ideológico da segunda fase do modernismo caracteriza a prosa regionalista na qual o autor Dalcídio Jurandir está inserido. A partir disso, podemos

perceber o porquê de Dalcídio em suas obras sempre apresentar um cunho de denúncia, pois ele encontra-se dentro da geração de 1930 do Modernismo, daí o seu empenho em, através de sua literatura, fazer críticas sociais.

Nos personagens, que serão analisados, podemos perceber que Dalcídio mantém uma dualidade, nem sendo completamente bons e perfeitos e nem completamente maus.

Segundo Antônio Candido (1976, p.12), "Todo texto, artístico ou não, ficcional ou não, projeta tais contextos objectuais "puramente intencionais" que se podem referir ou não a objetos ônticamente autônomos*".* Ao se escrever um texto se faz necessário a escolha de elementos de linguagem que reproduzam contextos que o autor pensou previamente e levará o leitor a intuir situações que estão no senso comum, no cotidiano.

Assim sendo, os personagens para a análise serão o menino Alfredo, dona Amélia e Major Alberto. Personagens com maior destaque na obra e os quais apresentam de forma mais perceptível a relação com o espaço, tendo em Alfredo o representante da dualidade descrita acima.

Em Dalcídio Jurandir, podemos perceber que o espaço de uma narrativa não é totalmente ficcional, visto que em muitas de suas obras utiliza-se de espaços reais conhecidos por ele, assim como a vila de Cacheira do Arari onde se passa o romance em questão. A obra nos permite fazer um perfil topográfico pois descreve a vila, as ruas, as casas, os prédios públicos, todos os espaços que cercam os personagens em questão.

O espaço dentro de uma obra literária vai além de ser pano de fundo, atua como cenário para as personagens e, por vezes, torna-se repleto de sentidos significativos para desvelar os temas internalizados. Segundo Osman Lins o espaço seria:

> [...] tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero. (LINS, 1976, p. 72)

Especificamente na obra em tela, o espaço tem grande influência sobre as atitudes de seus personagens, podendo influenciar diretamente em suas ações. O que veremos mais à frente.

De início o autor apresenta a pequena vila, situando seus leitores sobre o local em que se desenvolverá toda a trama. Assim Bachelard enfatiza que "O espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha" (BACHELARD, 1978, p. 205):

> Situada num teso entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na ilha de Marajó, vivia de primitiva criação de gado e da pesca, alguma caça, roçadinhos aqui e ali, porcos magros no manival miúdo e cobras no oco

> dos paus sabrecados. O rio, estreito e raso de verão, transbordando nas grandes chuvas, levava canoas cheias de peixe no gelos e barcos de gado que as lanchas rebocavam até a foz ou em plena baía marajoara. (T.C.R. 1979, p. 13)

Essa descrição nos permite imaginar o lugar em questão, um lugar de interior onde a natureza está impregnada em tudo as voltas dos moradores.

Além da vila de Cachoeira, o Chalé onde reside a família de Alfredo também aparece como espaço de suma importância na narrativa. O primeiro capítulo da obra passa-se em grande parte dentro dele. Este sendo um lugar calmo, um refúgio para toda a família se abrigar das águas. Lugar onde Alfredo tem seus sonhos de ir a Belém estudar. Segundo Bachelard, "a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz" (BACHELARD, 1978, p.203). Logo, o chalé era para Alfredo o seu lugar de paz, refúgio de seus sonhos mais íntimos.

Dentro da obra o espaço tem um lugar de destaque pois este está ligado intimamente aos personagens ajudando a moldar o caráter e a percepção que estes têm do mundo.

2.2 AMÉLIA E A RELAÇÃO QUE APRESENTA COM O ESPAÇO DENTRO DA OBRA

D. Amélia, a mãe de Alfredo, tem um envolvimento muito maior com o espaço natural, sendo conhecedora de plantas que curam certas doenças, ou ainda com o espaço físico, principalmente o chalé. Na narrativa, d. Amélia aparece quase que exclusivamente dentro do chalé ligada a tudo que cerca a família.

Conhecedora de plantas que curavam as mazelas que eram tão comuns na pequena vila, todos aqueles que conheciam seus dons viam "naquela senhora preta e limpa a salvação" (T.C.R. 1979, p.36). Ela nunca se negava a ajudar seja lá quem fosse, principalmente os mais pobres da vila, esses iam com mais frequência atrás de seus dons de cura, mesmo isso incomodando Alberto, seu marido.

> Major Alberto bradou contra aquele "absurdo", "aquela ignorância", era demais. Mandassem buscar Amélia, vai lá, fosse a hora que fosse, já estava estabelecido que ela era a "Pronto Socorro" da rua de baixo, "a santa Casa de Misericórdia ambulante", mas trazer debaixo de semelhante dilúvio aquele engraçadinho até ao chalé – era demais! (T.C.R. 1979, p.36)

Esta relação com os mais pobres e também com o meio amazônico lhe conferia qualidades de senhora boa, preocupada com o sofrimento alheio, não ficando indiferente ao sofrimento dos que lhe pediam ajuda.

Para Alfredo, o chalé funcionava como o guardião dos segredos da família, mas este era protegido por sua mãe, era ela quem expulsava todos os males que afetavam tudo na vila como as doenças e morte, logo, ela seria a guardiã desse refúgio familiar.

> Para Alfredo, o espantalho contra as mortes era sua mãe que sabia proteger o chalé, via naqueles braços um poder de curar que não via em outras mulheres nem nos médicos lá de Belém, ou que passavam, raramente, nas lanchas dos fazendeiros. Em seu chalé, a vida estava íntegra. (T.C.R. 1979, p.70)

Sendo assim, Amélia tem uma estreita relação com o chalé, sendo ela a "rainha daquele castelo", protetora de seus moradores. Para José Alonso Freire, o chalé seria muito mais que uma simples casa para Amélia, este funcionaria como uma "vestimenta", uma segunda pele para ela, devido a ligação que ambos tinham uma para com o outro.

> A personagem, pelo poder de cercar o chalé familiar com sua proteção e seu poder (uma força virtual, psicológica), liga-se definitivamente a esse espaço, tornando-o parte dela, ainda que a vejamos em outros espaços[...]. Dessa maneira, o chalé é aquela espécie de vestimenta que é uma máscara e uma caracterização para D. Amélia, a rainha negra desse castelo[...]. (FREIRE, 2006, p. 96)

Por ficar, a maioria do tempo dentro da casa, Amélia seria uma representante do espaço doméstico. Esta aparece sempre às voltas com atividades de casa, como lavar, passar e cozinhar. Esse espaço doméstico de certa forma caracteriza a personagem, pois esta é vista dentro da obra como uma empregada. A limitação espacial da personagem alude a certa organização social que restringe a presença da mulher na sociedade, restando para ela os domínios da casa como espaço de atuação, bem como as ações assistenciais, os cuidados dos filhos, do marido e dos outros, em detrimento da posição privilegiada do homem.

> Era a opinião de Amélia, atravessando a varanda, com o periquito no obro e uma trouxa de na mão. (T.C.R. 1979, p.22)

> D. Amélia voltava para a cozinha com Alfredo e Rodolfo atrás.
> – É engraçado, continuava Amélia, destampando no fogão a lata de canhapira, cozido de carne feito com caldo de frutos da palmeira tucumã. (T.C.R. 1979, p.91)

Sempre que a personagem é mostrada na obra aparece na cozinha ou toda atarefada com algum afazer doméstico. Então, o espaço com o qual a personagem mais se identifica é justamente a cozinha, sendo este o seu caracterizador, o que o melhor lhe define.

Algo que contribuía para que d. Amélia ficasse a maior parte do tempo dentro do chalé era, justamente essa relação que existe entre ela o espaço, pois nesse local era a

“dona”, a patroa. Visto que do lado de fora era vista como a “negra” do Major e empregada, as pessoas na vila não a aceitavam que uma negra fosse esposa de uma pessoa influente.

Então se retrair naquele espaço era uma fuga das más línguas, ficava longe de todas mulheres podres e negras, para assim evitar ainda mais cochichos, para isso ia “[...] deixando-se ficar no chalé, meio misteriosa, sem sair muito.” (T.C.R. 1979, p.52). Ela certamente via a necessidade de se manter longe de todos que a desconsideravam com mulher digna do Major.

2.3 MAJOR ALBERTO, E SUA NÃO-RELAÇÃO COM O ESPAÇO

Major Alberto, pai de Alfredo e Mariinha, é homem estudado e cheio de funções na pequena vila. Este não é de muita conversa com sua esposa ou filhos, aparece quase sempre sozinho resmungando sobre qualquer coisa. Percebe-se ao longo da obra, que o Major mantém uma relação superficial com o espaço que o cerca, aparenta estar a parte de tudo o que o rodeia, mesmo morando há mais de quinze anos no lugar. Este diferentemente dos demais moradores da vila, não se liga com nenhuma atividade comum do lugar como a pesca ou a caça.

> Saiu do chalé meditando[...] não parecia da terra, à primeira vista. Não pisava descalço no tijuco e na lama, nunca pegara um remo, não pescava, não bebia, não fumava. Montar também não sabia, nem avaliar exatamente o preço de um boi. [...] Saturava-se do chão marajoara pelo ar, pelas febres, as comidas, a preta, as longas sestas, as vozes do povo e parecia ter chegado ontem. (T.C.R. p. 314)

Percebemos que na descrição não ocorre nem mesmo o contato físico com a terra, evidenciando metaforicamente a falta de intimidade com o lugar já que os pés descalços não tocam o solo local.

Ao longo da obra Alberto aparece sempre envolvido com seus afazeres da Intendência, ou folheando seus amados catálogos que continham os mais variados assuntos, desde anúncios de compra de santos até sobre ceroulas. Major usava os seus catálogos para fugir um pouco do seu dia-a-dia em Cachoeira, estes eram o seu botão de escape, pois quando via os inúmeros produtos e possibilidades podia viajar em sua imaginação para longe daquele lugar, ir para terra “enxuta”.

> E por todo o chalé, da porta da entrada às tábuas da cozinha, distribuía-se uma quantidade de catálogos que o Major constantemente pedia da Europa e da América do Norte, a respeito de tudo, desde imagens de santos até modelos de ceroulas. Costumava amontoá-los ao pé da rede

> num eterno folhear e consultar, dizendo a d. Amélia, com malícia e um tom de proprietário do mundo:
> – Aí está o progresso inteiro. O engenho e as artes. (T.C.R.1979, p.14)

Assim, os produtos anunciados nos catálogos evocam outros espaços e se tornam a saída rápida do lugar ao qual ele estava preso e que não tinham a mínima chance de sair.

Com o decorrer do romance podemos notar que seu gosto de lugar preferido para morar nunca foi Cachoeira, ele foi residir ali apenas pela oferta de trabalho na Intendência. Às vezes, ficava imaginado sua vida além daquele rio e matas, em uma cidade grande na qual pudesse tratar a "sociedade de igual para igual", ele não viu "iguais" na pequena vila. Imaginava como seria bom conhecer aquilo que seus catálogos mostravam.

> Estas reflexões foram um tanto gratuitas. Muito melhor seria dirigir uma boa oficina tipográfica em Belém. De vez em quando uma viagem à Europa, para descobrir novidades, não ficaria preso aos catálogos, o mundo em pessoa seria um catálogo vivo que saberia folhear, sem pressa nem ostentações. (T.C.R. 1979, p. 23)

Este personagem se mostra avesso ao lugar que ocupa, querendo ir para longe, pois não se encaixa no espaço.

Desse modo, podemos notar que as relações das personagens com o espaço se dão por diferentes vias que passamos a analisar na próxima seção.

2.4 A VISÃO DE ALFREDO EM TORNO DO ESPAÇO QUE O CERCA.

Alfredo no romance sempre aparece como alguém que quer fugir do ambiente que vive, pois se julga preso a algo que não lhe faz bem. Nele a vontade de estudar é algo que o impulsiona desde o começo da narrativa. Dentro da obra, ele representa a vontade de crescer, buscar algo melhor, novos horizontes, representando a transição pela qual o Brasil passava. O autor, através desse personagem, enfatiza a vontade de mudança presente nele mesmo e que expressava uma vontade de "modernidade" que estava ligada às décadas que se seguiram à Revolução de 1930.

Para Assmar, o garoto usa de sua imaginação como uma válvula de escape para situação que lhe parece sem solução, como sair de um lugar que está impregnado dentro que você?

> O mundo de Alfredo é aquele do faz-de-conta, da despreocupação com os outros, próprio de sua idade. Sente-se o centro do universo, e seus desejos, seus sonhos, suas expectativas, sua meta de vida é o que lhe interessa. Pouco importa as outras para fugir de qualquer contato direto com a realidade circundante [...] (ASSMAR, 2003, p.145)

Por mais que seu desejo fosse ir embora o menino sentia-se muito ligado àquela casa, àquele ambiente. Para ele, “O chalé era apenas um barco ancorado, à espera de maior inundação para poder seguir e nunca mais ancorar naquele porto”. (T.C.R. 1979 p.70). Essa ideia do menino mostra que o chalé o acompanha na partida, como já destacamos no referencial teórico, acerca da internalização do espaço. A sua imaginação sempre o levava para longe, rumo ao seu tão sonhado colégio, mas a casa, lugar de segurança, vai com ele como meio de transporte.

Com relação ao espaço, é em Alfredo que fica mais evidente a dualidade de sentimentos, ora amando e ora odiando. Essa relação de ambivalência com o espaço é algo bem perceptível. Visto que o menino olhava chalé como quem olha para uma pessoa familiar, atribuindo-lhe feições próprias de pessoas, de certa forma o admirando.

O Chalé e o rio são espaços sempre presentes na realidade e, portanto, na imaginação no garoto. Mas tendo em vista que garoto via o chalé como um barco ancorado esperando que as águas o levassem para o seu tão sonhado colégio ele também sabia que esse “barco” não iria sair do lugar e que, além disso, o rio que o espreitava assim como o meio que o levaria para longe, também era o que lhe mantinha distante dos seus desejos de mudança, “Olhou o rio que fechava na curva como se lhe dissesse: por mim não sairás de Cachoeira.” (T.C.R. 1979 p.207). Assim enfatiza Furtado em sua tese:

> Embora a água das inundações do inverno esteja trazendo mais vida ao redor do chalé, na medida em que estende as margens do rio e traz mais para perto seres margeados por este no verão, ela restringe o universo de Alfredo para uma única tonalidade, na proporção em que prende mais as pessoas ao seu dia-a-dia e a apenas um ponto perdido no universo: a casa. (FURTADO, 2002, p.70)

Estes então estabeleciam-se como empecilhos que prendiam Alfredo à Vila de Cachoeira, impedindo-o de estudar. Nas páginas inicias, o autor coloca o rio e o menino como duas pessoas que se olham e compartilham sentimentos:

> O menino espiava: o rio, com efeito, chegara até o soalho, crescendo e em sua escuridão poderia, de súbito e silenciosamente, desaparecer o chalé. Também o rio, pela mesma fenda, espiava o telhado sem forro[...] O olhar do menino acompanhava-o, cheio de uma fascinação e temor[...] Rio e menino continuavam se espiando. (T.C.R. 1979, p.15-16)

O menino utiliza-se do meio que o cerca como espécie de confidente, assim como o rio, o chalé, os peixes também seriam alguém que compartilhava dos sentimentos de liberdade que o menino buscava.

> De ordinário, o peixe apenas beliscava a isca, tão leve, e assim ficavam, Alfredo e o desconhecido, num colóquio, como se combinassem sonhos e aventuras ou cada qual falasse de sua vida, do que via e acontecia em seus mundos. Durante alguns minutos, que para eles tinham a duração de graves confidências, a linha transmitia essa conversação entre o menino e o peixe. (T.C.R. 1979, p.24)

Ao longo da obra, o chalé assume diferentes papeis para o garoto, ele o vê em dados momentos como obstáculo para seus sonhos, mas também o vê como o guardião dos segredos, aquele que oculta os problemas de seus moradores, não deixando que os outros saibam o que se passa lá dentro.

> [...] naquelas semanas o chalé passara por grandes dificuldades que Alfredo tratava de esconder sempre aos olhos dos moleques[...]. (T.C.R. 1979, p. 149)

> Pôde apenas fechar as janelas da varanda, do quarto e da saleta para que ninguém escutasse. (T.C.R. 1979, p.205)

> Aquele chalé era uma ilha de atribulações e de ódio em meio do campo adormecido sobre o rio. (T.C.R. 1979, p. 205)

O chalé aparece quase como um amigo, no qual o menino podia confiar, pois este manteria a salvo do ouvido alheio todas as mazelas ocorridas com a família.

Quando o menino ficou doente dos olhos e ficou sem ver durante uns dias o espaço que o cercava, tornou-se muito triste e apreensivo, “Sofria agora também por não ver refletida no teto a água da enchente[...]” (T.C.R. 1979, p.68). Quando a enchente se foi levou tudo de ruim que acontecera naquele tempo no chalé, inclusive a cegueira de Alfredo, o menino teve sua felicidade restituída por poder ver novamente o rio e a terra:

> Que bom os pés nus na terra depois de tantos dias no chalé, tantos dias de solidão e pano preto, em que se encolhia como um embuá. Que delícia ver a terra desalagada, se enxugando. (T.C.R. 1979, p.76)

Em seus momentos de angústia, sair andando sem rumo pelo local em que vivia era sempre uma boa escolha, mas para Alfredo isso não era algo bom, pois a calmaria do lugar o deixava mais perturbado, o silêncio era ensurdecedor.

> Alfredo procurou novamente a margem do rio que passava devagar, mas passava. Andou ao longo da margem sem nenhum alívio. Ao contrário, a paz do rio o atormentava mais e coçou as cicatrizes que ameaçava abrir de novo nas pernas. (T.C.R. 1979, p.206)

Nota-se que a personagem, ao buscar o refúgio no espaço já familiar, aparentemente não busca a imobilidade da paisagem, mas a sugestão de movimento. Então, fugir desse lugar era a escolha que o menino via naquele momento, ficar longe do espaço que lhe

causava tanto sofrimento. Segundo Lins, é compreensível "[...] que a personagem transforme em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaço." (LINS, 1976, p.100). Nessa citação, o ato de "coçar" a ferida já sarada, seria relacionada ao que Lins falou de transformar em ação a pressão que esse espaço exerce sobre o menino.

Alfredo olhava chalé como quem olha para uma pessoa familiar, atribuindo-lhe feições próprias de pessoas.

> Agora, na pontezinha, Alfredo contemplava o chalé, a estrela frontal, o cenho franzido das quatro janelas, os losangos na barra, feitos pelo mestre Candinho. Num luar, surpreendeu o rosto do chalé com os seus quatro olhos fechados sem aquele ar um tanto carrancudo. Estava adormecido, porém satisfeito com os seus habitantes. De ordinário, era aquela cara cheia de reflexões, as quatro janelas olhavam o rio com viável desdém. Havia, com efeito, uma espécie de conflito entre o rio e o chalé. Este parado sempre, aquele sempre em movimento. E entre os dois, Alfredo, cheio de ambos, não sabia escolher. (T.C.R. 1979. p. 141)

Porém, o menino estava tanto cheio do rio sempre em movimento, mas que não o levava a lugar nenhum, quanto do chalé por ser tão parado e manter sua vida de forma estagnada. É como se ambivalência dos sentimentos do menino se materializasse nas imagens do chalé e do rio, da imobilidade em contraste com o movimento do espaço.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise da relação das personagens com o espaço, percebemos que há um movimento dialético entre a total aderência ao espaço local e a total alienação desse espaço. Nessa perspectiva, podemos dizer que a personagem de d. Amélia representa o primeiro termo dessa premissa, pois mantém com o espaço uma espécie de relação simbiótica, nutrindo-se dele e se apropriando os elementos que a cercam para sua sobrevivência e dos seus. Isso se manifesta na destreza com que maneja seus conhecimentos botânicos para o fabrico de remédios, mesmo estando restrita ao ambiente doméstico.

O segundo termo liga-se, na leitura que propomos, à imagem do pai, Alberto, que, vindo de fora, não se integra com os costumes locais, não se liga ao espaço, mesmo estando radicado no lugar e tendo constituído família. Nesse sentido, o desejo de estar em outro lugar pode ser compreendido como manifestação de sua total alienação em relação

àquele espaço que o cerca, ou seja, sua presença é apenas física, pois seus devaneios o afastam do convívio com o lugar, com a família e com as demais personagens.

Alfredo, por sua vez, parece representar a síntese dessa dinâmica, uma vez que que garoto mantém uma estreita relação como o espaço. Mas visto que ele é a junção de opostos, podemos notar em suas atitudes referentes ao espaço que o cerca uma dualidade de sentimentos. Alfredo apresenta na obra uma relação com espaço que seria um reflexo de como os pais veem e interagem com o meio.

Em vista disso, podemos notar que nas passagens da obra nas quais o menino ama e admira e espaço a sua volta, estaria intimamente ligado à forma como ele percebe a interação da mãe com o espaço, pois esta sendo conhecedora das plantas e ajudando os outros com esse saber, desperta em Alfredo os melhores sentimentos em relação ao meio que o cerca, evidenciando em suas atitudes o afeto que a mãe nutre a respeito do lugar, manifestando no menino o lado sonhador que cria inúmeras fantasias com aquele espaço que está profundamente presente no exterior e também do interior de Alfredo.

Contrapondo a essa afirmação, estariam as passagens nas quais mostram a inquietude de Alfredo com relação ao seu lugar de origem, justificando assim a sua revolta com o espaço e despertando a sua mais profunda vontade de ir embora daquele lugar que de certa forma o aprisiona. Este ódio em relação ao espaço seria o reflexo do não-contato que seu pai tem com o lugar ou até mesmo na pouquíssima relação que mantém com o menino, deixando-o muito sozinho. Alfredo sempre vê o pai entretido com seus catálogos, dispensando uma maior interação com ele. Ouve o pai falar dos lugares que ficam fora da pequena vila, sendo esses comentários grandes motivadores para a sua vontade de ir embora.

Em vista dos argumentos apresentados e da análise desenvolvida ao longo do trabalho, podemos perceber que o espaço dentro da Literatura, e em especial na obra em tela, mantém uma relação íntima com as personagens. Sendo este, capaz de influenciar e contribuir para determinadas ações e sentimentos em relação ao meio, podendo ainda, colaborar para construção do caráter dos personagens de forma significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.

BACHELAD, Gaston. **Os pensadores: A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 182-349

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à topoanálise. Disponível em: < http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf>

CANDIDO, Antônio. **A personagem e ficção.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2002.

FREIRE, José Alonso Torres. **Entre construções e Ruinas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum.** Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Catedra, 1979.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: **A crítica e o Modernismo.** 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

MANTOVANI, Antonio Aparecido. **Espaço em ruína: meio social, conflito familiar e a casa em ruína em *Os dois Irmãos* de Germano Almeida e *Dois Irmãos* de Milton Hatoum**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo (Área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo, 2009

NOLETO, Luana. **Identidade e Espaço literário: um estudo da obra *Os Ratos*, de Dyonélio Machado.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2017.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy (Orgs.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.